

5038
12

THESE

APRESENTADA

A FACULDADE DE MEDICINA

DO

RIO DE JANEIRO,

E SUSTENTADA PUBLICAMENTE

NO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 1852.

PARA OBTER O GRAO DE DOUTOR EM MEDICINA,

POR

Joaquim Floriano de Godoy Junior,

Natural da provincia de S. Paulo,

E FILHO LEGITIMO DO SARGENTO-MO'R

Joaquim Floriano de Godoy.



RIO DE JANEIRO

TYP. DO DIARIO, DE A. & L. NAVARRO.

Rua d'Ajuda n. 79.—1852.

FACULDADE DE MEDICINA

DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR

O Exm.^o Sr. Conselheiro Dr. José Martins da Cruz Jobim

LENTES PROPRIETARIOS.

ANNOS Os Illm.^{os} Srs. Drs.

1. ^o	{ F. de P. Candido	} Physica Medica. Botanica Medica e principios elementares de Zoologia.
	{ F. F. Allemão	
2. ^o	{ J. V. Torres Homem.....	} Chimica Medica e principios elementares de Mineralogia. Anatomia geral e descriptiva.
	{ J. Mauricio N. Garcia.....	
3. ^o	{ J. Mauricio N. Garcia.....	} Anatomia geral e descriptiva. Physiologia.
	{ L. de A. P. da Cunha.....	
4. ^o	{ J. B. da Roza (<i>Examinador</i>).....	} Pathologia geral e externa. Pathologia geral e interna. Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de Formular.
	{ J. J. da Silva (<i>Examinador</i>).....	
	{ J. J. de Carvalho	
5. ^o	{ C. B. Monteiro	} Operações, Anatomia Topographica e Apparelhos. Partos, Molestias de mulheres pedradas e paridas, e de meninos recém-nascidos.
	{ L. da C. Feijó	
6. ^o	{ T. G. dos Santos	} Hygiene e Historia da Medicina. Medicina Legal.
	{ J. M. da C. Jobim.....	
2. ^o ao 4. ^o —	M. F. P. de Carvalho (<i>Pre-</i>	} Clinica externa e Anatomia Pathologica respectiva.
<i>sidente</i>).....		
5. ^o ao 6. ^o —	Manoel do V. Pimentel.....	} Clinica interna e Anatomia Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. Maria de Miranda Castro.....	} Secção de Sciencias Accessorias.
F. Gabriel da Rocha Freire	
M. M. de Moraes e Valle (<i>Examinador</i>)..	} Secção Medica.
A. F. Martins	
F. Ferreira de Abreu (<i>Examinador</i>)....	} Secção Cirurgica.
F. Bonifacio de Abreu	

SECRETARIO.

Dr. Luiz Carlos da Fonseca.

A Faculdade não approva, nem desapprova as opiniões emitidas nas Theses, que lhe são apresentadas.

ASSUMPTO DA THESE.

1.º

Tratar dos casos que reclamão a estirpação do globo occular, e dos methodos e processos porque se pratica esta operação.

2.º

Das fabricas de velas de sebo e das de sabões, do Rio de Janeiro, que influencia tem exercido sobre a saude de seus empregados e visinhos.

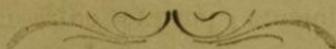
3.º

Das alavancas e principaes musculos do corpo humano.



Estas materias forão dadas pela illustre Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

POUCAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ALAVANCAS.



PROLEGOMENOS.

Dá-se geralmente o nome de — machina — a tudo o que serve para transmittir a acção de uma potencia sobre uma resistencia.

E' o instrumento simples ou composto, destinado a produzir movimento, de maneira a poupar,—ou tempo na execução do effeito, ou na causa.

As machinas são simples ou compostas.

Sete são as machinas simples, ordinariamente assim se distinguem, ás quaes todas as demais se podem reduzir, e são :

Machina funicular, alavanca, o sarilho, a roldana, o plano inclinado, a cunha e o parafuso.

Estas sete machinas podem ser reduzidas ás duas primeiras, e mesmo a uma unica destas ; porém é costume serem as cinco ultimas consideradas como simples.

As machinas compostas são as formadas pela combinação de muitas simples. O numero dellas é illimitado.

Qualquer que seja a complicação de uma machina póde sempre ser definida : Um corpo que se interpõe entre duas ou muitas potencias para transmittir a acção de uma á outra, segundo taes ou taes condições, conforme o objecto que ha a preencher.

Este corpo intermediario póde sempre ser considerado como destituido de sua massa, e como a reunião de uma multidão de

pontos ligados por fios, por meio dos quaes a acção se transmite passo a passo de uma a outra potencia, quer esta machina seja de effeito muito pequeno em relação as forças que lhe são applicadas, quer se considerem as forças motrizes proprias á esta massa como novas forças que lhe são exteriormente assentadas, e que se attendem no calculo como todas as outias.

Isto posto, é importante distinguir a machina em equilibrio, da machina em movimento; porque entra nesta ultima um elemento de mais que na primeira, a saber :

A velocidade do ponto de applicação das forças postas em acção.

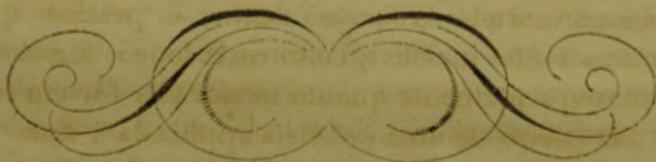
No caso de equilibrio temos unicamente a considerar a intensidade destas forças; porém no de movimento é preciso, além d'isto, attender ao caminho que cada uma deve percorrer. Assim, por exemplo, sua acção sobre um peso, por meio do braço mais longo de uma alavanca, produz dous effeitos de natureza differente, segundo ella deve simplesmente sustentar ou levantar este peso a uma certa altura; porque no primeiro caso uma força mui pequena pôde bem sustentar em equilibrio um peso mui consideravel; mas se tratar-se de alevanta-lo a certa altura, é preciso que ella desça de uma outra tanto maior quanto mais longo fôr o braço da alavanca, e consequentemente quanto menor ella fôr em relação ao peso.

O effeito de uma potencia applicada a uma machina em repouso é pois simples, e pôde-se avaliar pelo peso que ella supporta; porém o de uma potencia applicada a uma machina em movimento é composta e sua avaliação deve-se effectuar, não só pelo peso que ella move, mas ainda pela altura a que ella o eleva. E' finalmente o producto deste peso por esta altura que mede o effeito da potencia n'uma machina em movimento.

Resulta destas considerações que no caso de equilibrio a machina pôde decuplar, centuplar o effeito da potencia, emquanto que na machina em movimento o effeito é invariavel qualquer que seja a composição desta machina, e sempre igual ao producto da potencia pelo caminho que ella percorre. Modificando a machina poderemos diminuir muito a potencia, mas augmentaremos o caminho que é preciso que ella percorra, e vice-versa, de sorte que o effeito é constantemente o mesmo.

Por estas considerações poderemos concluir que em toda a machina em movimento perde-se sempre em tempo, ou em velocidade, e que se ganha em força.

Deixemos de lado as outras machinas e tratemos das alavancas, que são o nosso ponto.



DAS ALAVANCAS E MUSCULOS

DO

CORPO HUMANO, CONSIDERADOS COMO POTENCIAS.

Chama-se alavanca a uma haste solida, com o comprimento predominando as outras dimensões, e de fôrma variada.

Tem por condição essencial um ponto fixo em torno do qual obrão duas forças chamadas — POTENCIA E RESISTENCIA.

Segundo a collocação dessas forças ter-se-hão os diferentes generos de alavancas ; assim :

Será do primeiro genero quando o pónto fixo estiver no meio das outras duas forças.

Será do segundo genero quando a resistencia estiver no meio.

Será do terceiro genero quando a potencia estiver no meio.

Tambem se chamão de — inter-fixa, inter-resistente, e inter-potente, segundo a situação desses pontos.

O comprimento da perpendicular abaixada do ponto de apoio sobre a direcção desta força, ou sobre o seu prolongamento — chama-se — braço de alavanca.

Para achar as condições de equilibrio na alavanca consideremos primeiro uma alavanca recta, collocada sobre um ponto de apoio, e solicitada em seus extremos por duas forças que obrem em direcções parallelas.

Sejão A B a alavanca recta, C o ponto fixo ou de apoio, A Q e B P as direcções parallelas das forças P e Q applicadas as duas extremidades A e B. Estas duas forças estarão evidentemente em equilibrio se a resultante C R passar pelo ponto de apoio e ficar destruida pela reistencia deste ponto.

Ora sabe-se que a resultante de duas forças parallelas divide a recta que une dous pontos de applicação em partes reciprocamente proporcionaes a estas forças : logo para que haja equilibrio deve a recta A B ser dividida no ponto C desta maneira, e teremos a proporção :

$$P : Q :: AC : BC$$

Por outra :

Esta alavanca estará em equilibrio quando os productos de seus momentos fôrem iguaes a zero, isto é:

$$Q \times AC + P \times CB = 0$$

As forças P e Q pódem sempre representar pesos, e quando estes obrão no mesmo sentido, P+Q será a carga que supporta o ponto de apoio.

Esta carga é unicamente igual ao excesso do maior peso sobre o menor, quando as forças obrão em sentido contrario. Em todos os casos o ponto de apoio deve ser capaz de resistir a carga.

Por outra :

Se nomearmos as partes comprehendidas entre os braços da alavanca p e p', sendo a resistencia Q, e a potencia P, teremos que :

$$P : Q :: p : p'$$

O que demonstra que para esta alavanca estar em equilibrio é preciso que a potencia e a resistencia estejam na razão inversa dos braços da alavanca.

Se fôr uma alavanca curva, a condieção de equilibrio consiste sempre em que a resultante das forças que lhe são applicadas passe pelo centro de apoio, e seja destruida pela resistencia deste ponto. Assim, abaixando do ponto de apoio C as perpendiculares Cq e Cp sobre as direcções A Q e B P destas forças, direcções que devem estar n'um mesmo plano, teremos:

$$P : Q :: Cq : Cp$$

Donde, no caso de equilibrio de uma alavanca qualquer, a potencia e a resistencia estão em razão inversa das perpendiculares abaixadas do ponto de apoio sobre as direcções.

Resulta desta proposição que qualquer que seja a fórma de uma alavanca, podemos sempre suppô-la substituida por uma alavanca de cotovello formada pelas perpendiculares abaixadas do ponto de apoio sobre as direcções das forças, e considerar os pontos (q) e (p) onde essas perpendiculares vem cahir com os pontos de applicação das forças ; então os braços da alavanca serão as mesmas perpendiculares.

Sendo porém a potencia dirigida em sentido contrario á resistencia, ter-se-hão

em vista as direcções em que estas forças tendem a fazer girar a alavanca, teremos :

$$C A \times Q + C G \times S = C B \times P$$

A carga que o ponto de apoio soffre será :

$$Q + S - P.$$

Demonstremos :

Seja R a resultante de Q+S o ponto de apoio sendo calcado por C B faz resistencia a alavanca, por conseguinte tem o effeito de uma força que obraria segundo C L. Seja L esta força e teremos :

$$L + P = R$$

Logo

$$L = R - P$$

Dando por R seu valor Q+S será :

$$L = Q + S - P$$

Ora é evidente que a força L tendendo a arrastar o ponto C, tem a mesma intensidade que a força que leva a alavanca contra o ponto de apoio, portanto a intensidade L mede a pressão que supporta o ponto de apoio.

Nesta alavanca, portanto, haverá equilibrio se o producto das massas pelos comprimentos dos braços forem iguaes.

Para attender ao peso da mesma alavanca é preciso considera-lo como uma força (S) applicada ao centro de gravidade G, e então a resultante das trez forças parallelas P, Q, S, devendo passar pelo ponto de apoio C, teremos a equação de equilibrio :

$$Q \times A C = S \times C G + P \times C B$$

A carga do ponto de apoio muda-se em P+Q+S

Sendo proposto determinar o valor de um pezo P, que sendo applicado a extremidade B do maior braço de alavanca C B = a deve fazer equilibrio a um outro pezo Q applicado ao outro braço A C = C, sendo S o pezo da alavanca,

que se suppõe homogenea e da mesma espessura em toda a sua extenção ; como então fica o centro de gravidade no meio da alavanca, e consequentemente :

$$C G = A G - A C = \frac{1}{2} (a + b) - b = \frac{a-b}{2} \text{ teriamos,}$$

em virtude da equação estabelecida antecedentemente :

$$b \times Q = a \times P + \frac{a-b}{2} \times S$$

D'onde,

$$P = \frac{b}{a} \times Q - \frac{a-b}{2a} \times S$$

assim quanto maior for o braço *a* comparativamente ao braço *b*, tanto mais o peso *S* da alavanca, supposta sempre a mesma, concorrerá com o peso *P* para equilibrar o peso *Q*.

Pelas velocidades virtuaes tambem se explica o equilibrio das alavancas.

Chamão-se velocidades virtuaes as que tomaria constantemente um ponto, actualmente em equilibrio, quando movido pela destruição de uma das potencias que obrão sobre elle.

Por outra :

Imaginemos uma haste em que o ponto de applicação *t* de uma força representada por *L*, a faz mover, então o ponto *t* vem a *u* e a pequena linha *tu* será a velocidade virtual da força *L*.

Consiste o principio das velocidades virtuaes na igualdade a zero dos productos de seus momentos de um novo genero, de sorte que se *L*, *L'*, *L''*, *L'''* & são as differentes forças applicadas a um systema *e*, *e'*, *e''*, *e'''* & as projecções de suas velocidades virtuaes sobre as direcções das forças, deve-se ter :

$$L e + L' e' + L'' e'' + L''' e''' \& = 0.$$

Assim:

Haverá equilibrio em uma alavanca quando os productos das massas pelas velocidades forem iguaes a zero.

Taes são as principaes condições das alavancas e do seu equilibrio ; alavancas que se empregão ordinariamente na industria ; alavancas com as quaes a natureza se serve para os grandes movimentos no jogo da vida de relação.

Estabeleçamos algumas considerações sobre as alavancas do corpo humano, e apontemos um pequeno numero dellas.

Na economia :

Os musculos representam as potencias, e os ossos as alavancas.

Para que se possa apreciar a força de um musculo deve-se ter em vista :

- 1.º O numero de fibras delle ;
- 2.º A qualidade e constituição da fibra ;
- 3.º A disposição da alavanca em que obra o musculo ;
- 4.º O angulo de incidencia do musculo sobre a alavanca ;
- 5.º O de incidencia das fibras musculares em relação ao eixo ficticio do musculo.

Portanto :

Se grande numero houver de fibras que formem um musculo, tanto maior energia terá este.

Se a qualidade de cada fibra muscular, e intensidade do fluido nervoso, forem grandes, tanto maior será a energia dos movimentos.

A potencia, mechanicamente fallando, vencerá com maior facilidade a resistencia, quando o braço d'alavanca for maior em que está esta, e sendo certo que o genero d'alavanca em maior numero espalhado na economia animal, é o terceiro genero, fica claro que ha mui grande desvantagem nos movimentos do animal.

Mas considerando, neste caso, que os movimentos ganhão em velocidade o que perdem em força : segue-se que esta desvantagem desaparece.

A natureza, sempre completa em suas obras, collocou nos lugares da economia que precisão de grandes forças, e pouca velocidade, alavancas do primeiro e segundo generos ; e em outros que demandavão muita velocidade e pouca força, a do terceiro gênero.

O angulo incidente mais favoravel á potencia é, sem duvida alguma, o incidente perpendicular ; mas nota-se que na economia as potencias estão deitadas sobre braços das alavancas, formando assim os angulos agudissimos, consequentemente muito desfavoravel aos movimentos ; porém deve-se considerar que o lugar das articulações osseas (ponto fixos) são volumosos, e que por essa forma desaparece o parallelismo que existia, prestando facilidade do menor movimento ; tambem os movimentos se executam na razão das necessidade, e á proporção que ellas augmentão, os angulos vão se abrindo até chegar a um de noventa grãos, ou o angulo incidente perpendicular.

Dito isto, vamos apresentar algumas alavancas do corpo humano.

Do primeiro genero :

A alavanca é formada pela articulação da cabeça com a primeira vertebra cervical.

RESISTENCIA — no mento ;

PONTO FIXO — na articulação occipito-atloidea ;

POTENCIA — nos musculos occipito-spinaes.

Outra :

A alavanca é representada pelos ossos do tronco.

RESISTENCIA — nos musculos extensores do tronco ;

PONTO FIXO — n'uma das vertebrae ;

POTENCIA — na parte exterior.

Do segundo genero :

O homem erguido nas pontas dos pés.

PONTO FIXO — na cabeça do primeiro osso metatarso ;

RESISTENCIA — é o peso do corpo que repousa no astragalo ;

POTENCIA — nos musculos gêmeos soleares, que se fixão por um tendão na extremidade posterior do calcaneo.

Outra :

A mandibula é alavanca (é dupla como se verá).

PONTO FIXO — Na articulação temporo-maxilar ;

RESISTENCIA — no ultimo dente molar ;

POTENCIA — nos musculos mastigadores ;

Do terceiro genero :

A mandibula ainda é alavanca.

PONTO FIXO — na articulação ;

POTENCIA — no meio representado pelos musculos mastigadores ;

RESISTENCIA — nos primeiros dentes incisivos.

Outra :

O humeros é alavanca.

PONTO FIXO — na articulação scapula humeral ;

POTENCIA — no musculo deltoide ;

RESISTENCIA — no ante-braço.

Outra :

O ante-braço é alavanca.

PONTO FIXO — na articulação humero-cubital ;

POTENCIA — pela contracção do biceps-brachial ;

RESISTENCIA — na mão.

Outra :

A alavanca é o femur.

PONTO FIXO — na articulação ilio-femural ;

POTENCIA — Nos musculos adductores da coixa ;

RESISTENCIA — toda a parte inferior do membro.

Outra:

A alavanca é a parte ossea da perna.

PONTO FIXO — na articulação tibio-femural ;

POTENCIA — nos musculos costureiros, e biceps femural.

RESISTENCIA — na parte inferior do membro.

Na industria e nas artes mechanicas as applicações das alavancas são multiplicadas ; mas como não pertencem ao nosso ponto , porisso deixaremos de as mencionar.

Temos concluido.



TRATAR DOS CASOS QUE RECLAMÃO A EXTIRPAÇÃO DO GLOBO OCULAR,

E DOS METHODOS E PROCESSOS PORQUE SE PRATICA ESTA
OPERAÇÃO.



Quaes os casos que reclamão esta operação ? Os seguintes :

- 1.º Quando o globo do olho estiver canceroso e melanico ;
- 2.º Quando existirem tumores na cavidade da orbita ;
- 3.º Quando existirem alguns casos de exophthalmia.

Vamos tratar de cada um destes casos mui resumidamente , não só porque ao contrario seria uma these destas tão importantes materias, como por isso passar muito além das raias de nossas forças.

Principiaremos pelos tumores cancerosos.

ART. 1.º

Do cancro em geral.

Por começo especialisaremos esta affecção, representada por seus dous typos principaes — encephaloide e schirrozo —, para mais ao diante a applicarmos ao olho.

Para melhor methodo em qualquer estudo, dever-se-ha principiar por definir a materia de que se tem a tratar.

Porém quando todas as definições dadas não satisfizerem, ou porque não

abrangem ao definido, ou porque contém mais do que elle, então é prudente, é necessario pô-las de parte, e nos contentarmos com a descripção do objecto ; portanto :

Deixaremos de lado a aquella dos que dizião ser o cancro uma affecção constituida pelo desenvolvimento e evoluções de tecidos accidentaes sem iguaes na economia, porque, no parecer de muitos observadores, não ha formação de novos tecidos e sim alterações dos normaes.

Tambem nada diremos da definição dos que dizem que o cancro é a transformação dos órgãos inflamados e endurecidos, que passam do estado scirrroso para o encephaloide, porque, para outros praticos, as massas cerebriformes e scirrrosas são dous typos diversos; e não o mesmo.

Emfim, o mesmo faremos com aquella que diz ser o cancro o amollecimento e ulceração das formações lardecea, scirrrosa, encephaloide, fungosa, melanica e composta, — porque dizer isto é nada dizer.

Antes porém de descrevermos as duas fórmas de que fallámos acima, trataremos das causas predisponentes, que muitos escriptores dão como productoras desta affecção, e veremos o valor que ellas tem ; assim como desta apreciação resultará mais luz para o tão mysterioso diagnostico desta molestia:

A herança será a primeira causa com que nos occuparemos.

Os factos, base da medicina, vão fallar em favor da transmissão da affecção.

Attendamos aos observadores.

Napoléon e seu pai morrerão de cancro no estomago: — Fleury e Louis de la Berge o dizem.

Esta observação não serve para o caso vertente ; porque :

Não passa por certo em medicina que as paixões deprimentes, os grandes abalos moraes, um paiz pedregoso onde se reflectem com grande intensidade os raios solares, um sol ardente e uma má alimentação: — exercem uma influencia morbida sobre um ou muitos dos órgãos contidos nas caixas vice-raes ?

E não seriam sufficientes — a derrota de Waterloo, a invasão da França pelos Alliados, a trahição de seus generaes, a perfidia dos Inglezes, o solo ardente de Santa Helena, o céu mortifero da zona africana, a carceragem de Hudson-Lowe, a saudade de um filho querido, as recordações de uma terna esposa, — causas mais que sufficientes para assassinarem ao maior homem dos tempos modernos ?

E não estão ahi as expressões do Dr. Barry O. Meara ao ministro inglez Castlereagh :

— Que a morte de Napoléon era certa, e mui proxima se o mesmo tratamen-

to se continuasse a seu respeito, e que se o não arrancassem das influencias mortaes da ilha, seria o mesmo que entrega-lo ao carrasco ?

E não está ahí a autopsia do Dr. Antonomarchi feita no cadaver de Napoleão, pela qual ficou patente que este morrera de uma gastro-hepatite chronica, autopsia verificada por oito medicos inglezes ?

E antes destas causas obrarem, nao era elle um dos homens de mais robusta saude do exereito francez, a ponto de passar incolume pelos gelos da Russia e peste da Asia ?

E de mais, o pai de Napoleão não morrera de cancro, como bem o demonstra o Dr. Antonomarchi nas suas — Memorias sobre a Italia.

Esta observação, pois, não serve.

Vejamos, porém, outras que tem um valor incontestavel.

Dez mulheres no ultimo perido da cachxia cancerosa dão a luz filhos, os alimentão, e estes são affectados da mesma molestia.—Louis de La Berge o conta.

Desenvolvamos estes casos.

Na época de puberdade se apresenta no ovario uma, ou mais, vesiculas de Graff em completa madureza, e é certo que essa vesicula — ovo humano — foi formada a custa de elementos fornecidos pela organização materna : — organização viciada pelo principio canceroso.

Pelo trabalho vital o ovo rompe as membranas que os prendião no ovario, e marcha pelas trompas.

Então compõe-se elle, além do mais, do amarello que, provavelmente, o nutre, porque elle augmenta de volume : — amarello que é um producto tambem viciado.

Chegado ao utero ahí encontra a mucosa uterina eminentemente hyperthrophada pelo augmento de sangue nos vasos que a percorrem ; ahí envolvido, por esta membrana, recebe a nutrição pelo liquido ameniotico, e o feto vai-se desenhando na parte inferior do folheto seroso ou externo do blastoderma, que substituiu ao amarello ; enquanto que a parte inferior do folheto interno ou mucoso forma a vesicula umbical : — e são ainda elementos alterados pelo principio canceroso que desenvolvem o feto.

Emfim, o placenta e cordão umbelical estabelecem uma commnicção directa entre o feto e outero, e o sangue materno — e consequentemente principio canceroso em maior quantidade — vem completar o seu desenvolvimento até a sua delivrança.

Depois do nascimento é ainda alimentado pelos seios da mãe ; — o sangue existindo alterado pela diathese cancerosa, e sendo o leite uma secrecção d'elle, é patente que esta alimentação participará do mesmo mal, augmentando assim o vicio trazido na sua fibra elementar.

Ora, este ente assim formado, nutrido e desenvolvido pelo — principio canceroso, — porque não será tambem canceroso ?

Dir-nos-hão :

A observação tem mostrado filhos de mães cancerosas que o não são.

E' factó, porém explica-se-o :

Não é sabido que diversos filhos de um pai syphilitico, uns trazem e manifestão a syphilis constitucional, e que outros não ?

E porque ?

Tambem não é sabido que pela constituição de cada organismo se explica essa manifestação ou não do mal ?

O individuo que fôr de constituição forte pôde eliminar de si, por uma acção vital, o principio morbido ; no entretanto que o de constituição fraca não o poderá fazer , bastando então qualquer causa efficiente para patentear a syphilis herdada.

E não lêmos em Piorry, Bayle, Cayol e outros, que tem criticado os trabalhos dos partidarios da herança , a designação das constituições dos nascidos de mães cancerosas, para poderem lança-los com proveito na balança de suas duvidas ou interesses.

A base em que repousa este nosso raciocinio é a diathese cancerosa ; e para sustenta-la recorreremos ainda as observações dos praticos.

No periodo de ulceração da massa cancerosa sahe um licôr párticular que é levado a torrente circulatoria, seja por meio da imbibição no caso da destruição dos vasos venosos , ou por meio da absorpção directa ; e sendo esta fonte continua , é patente que por onde o sangue passar os tecidos terão os germens morbiferos, e é sabido que o corpo humano é uma rede vascular — na expressão, verdadeira, de um eloquente anatomico.

E senão—que se explique por outro modo a repululação do cancro aqui e acolá, quando se o extirpa, em taes circumstancias ?

E se não—que se explique por outro modo a cõr de palha de toda economia?

E demais—os observadores não tem encontrado materia cancerosa nos vasos ?

E' verdade que curas tem havido de cancos ; mas estas tem sido feitas em casos especiaes , como quando se derem as circumstancias seguintes :

O cancro ao principio é local , e só se torna constitucional no periodo de ulceração : — Peyrliho, Richrand e Roux o dizem.

Extirpado, pois, no periodo de crueza, antes da ulceração derramar, o licôr e antes deste ser absorvido, a cura será completa.

O diagnostico do cancro é difficil, mormente se elle estiver situado profundamente, e quando se o chega a caracterisar existe muito adiantado em seus periodos , e é por isso que essas curas são mui raras.

Estes raciocínios são applicaveis aos casos seguintes:

Tres irmãs forão affectadas e mortas pelo cancro:— sua mãe também o fôra:— Portal o refere.

Noventa e oito individuos perecem em identicas circumstancias:— ReCAMIER o diz.

Em summa, immensos factos iguaes achão-se consignados em quasi todas as obras dos que têm escripto sobre esta affecção, e bastão os por nós citados para provarem a *transmissão* da molestia.

Pelo que levamos escripto se vê que partilhamos o parecer da diathese cancerosa; porque diathese cancerosa é o estado que acima referimos.

Segue-se o contagio:

Sigamos as observações dos praticos, e veremos que elle não existe.

Duas oitavas de materia cancerosa forão introduzidas por baixo da pele de um cão—e não appareceu cancro algum no animal:— Peyrilho foi o experimentador.

Injectado o pus canceroso em diversos cães, apenas notárão alterações iguaes as de um corpo estranho.

Pedaços de carnes cancerosas, introduzidas no estomago de outros animaes não fizerão apparecer a molestia.— Dupuytren foi quem fez estas esperiencias.

O ichor canceroso foi dado a diversos cães para beberem, e a unica alteração observada não passou de uma febre passageira:— FAYEI, LENOBLE, e ALIBERT fizerão estas esperiencias.

Emfim mulheres com cancro no utero cohabitárão com os maridos, e estes não adquerirão a molestia:— Louis de La Berge, Nelaton, Fabre, Cayol e Bayle o dizem.

Estas esperiencias e observações são de um tal valor que outras em sentido contrario não as contrabalanção; leiamos ainda os praticos:

« Uma mulher morreu de cancro, e sua irmã utilisou-se, depois de lavadas, de algumas de suas vestes, e logo foi atacada pelo mal! Com effeito é muita contagiosidade!»

Se a materia cancerosa introduzida por baixo da pelle de um animal; se carnes cancerosas e pus canceroso introduzidos no estomago de cães;

Se emfim o penis do homem em contacto directo com a vagina e utero, soffrendo um attrito que favorece a absorção de principios contidos no liquido secretado por sangue alterado:

Se nestas circumstancias o cancro não pegou, como as vestes, depois de lavadas, é que o desenvolveram!?

Se não viesse esta noticia consignada nos annaes da Physiologia medica de Paris, por certo a regeitariamos como apocrypha.

Outro :

Uma menina de tres annos de idade bebeo uma certa quantidade de liquido que servia para lavar uma ulcera cancerosa, e dezeseis annos depois se desenvolveo no seio um cancro, e veio a morrer na casa do sessenta.

Gooch refere este caso, porém Moneret duvida d'elle.

Porque no fim de dezeseis annos se desenvolveo um cancro, e porque dezeseis annos antes esta sugeita bebera agoa de um canceroso, segue-se que a causa fôra essa ? Era melhor dizer que se ignora a causa que motivou esta molestia.

Emfim, temos os casos de Bellinger ter tido cancro nas fossas nasaes, por que sua mulher tambem fôra cancerosa ; e a morte de Smit por ter engulido pus canceroso. — Estes casos não são bem verificados:—Fleury assim opina.

Em conclusão do que temos escripto sobre o contagio, dizemos que não acreditamos nelle, isto á vista de opiniões de abalisados praticos.

Vem agora a idade como causa de cancro.

Um menino, de cinco annos, trazia um pequeno tumor por baixo da orelha, o qual se desenvolvendo chegou a tomar um volume igual ao do ovo de galinha, e então, feita uma encisão, mostrou ser um tumor canceroso:—Observação de Louis.

Um menino, de dous annos e meio, morreu de um tumor canceroso no fígado:—Observação de Astley Cooper.

Uma menina, de quinze annos, morreu de um cancro no seio:—Observação de Wardrop.

Desoito meninos, até a idade de dose annos, forão operados de cancro nos olhos:—Clinica de Desault.

Vinte e um individuos operados de fungus emathodo no olho, ainda não tinhão chegado a idade adulta:—Wardrop fez estas observações.

A' vista destes factos poder-se-ha estabelecer a idade madura como causa de cancro? Acreditaremos que não, e que toda a idade é propria.

O sexo tambem não deve ser olhado como causa do cancro :

Se as mulheres são affectadas por elle nos peitos, os homens o são nos testiculos, e comparando-se o numero de uns e outros, vê-se que a differença sensivel é nulla:—Chardel o diz.

As constituições e climas tambem não são causas de cancro ; porque as poucas observações que ha a este respeito mostrão que esta molestia ataca tanto aos individuos de constituição forte, como os de constituição fraca ; bem como não poupa ella os habitantes de todas as zonas:—Opinião de Louis de La Berge.

Terminamos aqui o que tínhamos a dizer sobre as causas predisponentes do cancro. O medico tendo em consideração o valor dellas, poderá com mais alguma luz caminhar por entre o labyrintho de opiniões dos que têm escripto sobre esta materia, e chegar a um diagnostico, senão verdadeiro, ao menos mui aproximado da realidade.

O que primittivamente produz esta molestia?

Esta pergunta é natural, e a sciencia muito ganharia com uma resposta decisiva, porque então o pratico dirigiria o tratamento com segurança; infelizmente, porém, immensas opiniões fazem oscillar ainda a alavanca scientifica.

E como não podemos mostrar a verdade, porque não temos elementos para tão grande feito; por isso:

Deixaremos de parte as opiniões dos que dizião ser esta molestia a consequencia de uma irritação: segundo Aretêo e Paulo de Egine, Galiano e Brøussais, Breschet e Ferrus, Piorry e Peyrilho, Andral e outros.

E por isso:

Nada diremos sobre o parecer dos que querem que o cancro seja independente de toda inflammação:—como Byale e Lénec.

E por isso:

Tambem guardaremos silencio sobre as opiniões dos que dizião ser a materia cerebriiforme uma producção accidental na polpa nervosa:—como Fleischman e Maunoir.

E por isso:

Tão pouco fallaremos da d'aquelles que fazem nascer o cancro de um ente destruidor das partes moribundas do organismo:—como Richard e Carmichael.

E por isso:

Callaremo-nos sobre a opinião do que a essencia do cancro resida ou não na presença de um animal do genero dos hydatidos, que chamarão *hydatidos carcinomatosos*:—como disserão J. Aunter e Adams.

E por isso emfim:

O mesmo faremos com a opinião que julga ser o cancro o resultado do virus syphilitico, em certas circumstancias:—como pensa o muito Illustrado Sr. Dr. Joaquim José da Silva.

Sim — juizo algum faremos sobre estas tão variadas opiniões, quer sejam aproximadas da realidade, ou muito distante della, pela simples razão de que não temos forças para tanto.

Agora duas palavras sobre o scirrho e encephaloide, que são os dous typos principaes do cancro.

A massa encephaloide póde existir em dous estados.

Ou de crueza, ou de amollecimento.

No de crueza :

Em seu inteiro desenvolvimento é homogenea, de um branco leitoso, e em diversos lugares notão-se pontos roseos.

Quando é cortada em pequenos pedaços offerece pouca transparencia, e em grandes pedaços é opaca.

Sua consistencia é, pouco mais ou menos, como a do cerebro, porém o seu tecido menos adherente ; com facilidade se o esmaga nos dedos.

Tem-se observado um grande numero de vasos, quando é vista em grande massa, vasos que a percorrem pela superficie e perdem-se nas circumvoluções, e as mais ramificações penetrão na substancia morbida.

Os vasos rompem-se com muita facilidade, em consequencia das tunicas que os formão serem mui delgadas.

Quando isso acontece, o sangue fórma coalhos que se depositão na substancia cancerosa, e dão-lhe o aspecto do cerebro de um morto apoplectico.

No estado de amollecimento:

A materia cerebriforme tendendo a amollecer-se, apenas fica com uma consistencia igual a do caldo um pouco espesso.

Continuando sua marcha a materia chega, pouco a pouco, ao estado de liquidez, semelhante ao do pus espesso, conservando a sua côr esbranquiçada ou rozea.

Antes ou depois desta época o sangue extravasado se decompõe.

Por esta decomposição a fibrina se concreta e se combina, bem como a parte colorante, com a materia cerebriforme, em quanto que a parte serosa é absorvida.

A materia cerebriforme misturada com o sangue toma uma côr rouxa, ou negra.

Esta mistura é tão intima, e tão particular, que se poderia tomar como um producto de nova formação.

Esta supposição, porém, desaparece quando a transformação não abrange toda a porção cerebriforme, porque então deixa aqui e acolá massas bem distinctas do tecido primitivo.

Estas massas cerebriformes pódem existir em tres estados :

Ou de infiltração ;

Ou enkistadas ;

Ou não enkistadas.

Tal é, em resumo, o cancro encephaloide.

O scirrho é formado:

1.º Por uma fibrosa densa, dura, algumas vezes de rijeza cartilaginosa, ran-

gendo quando cortada pelo escalpello, organizada, composta por folhetos irregularmente dispostos, e formando malhas, onde se deposita a materia scirrhosa propriamente dita.

2.º Por uma substancia mais ou menos transparente, de apparencia inorganica, cuja côr varia, sendo ora branca, esbranquiçada ou esverdinhada, ora vermelha, ou de uma côr escura.

Parece ser evidentemente o producto de uma secreção, e adhere, mais ou menos, aos folhetos organizados.

Em uma época mais ou menos adiantada o scirrho se amollece, e a materia inorganica se torna diffluente, lactecente, semelhante a substancia cerebral estendida n'agua.

O scirrho se apresenta ora debaixo da fórma de um tumor mameleonaceo, duro, desigual, renitente, collocado no meio do tecido commum, ou do tecido proprio dos órgãos, e muitas vezes como materia deposta, e infiltrada no tecido intersticial das partes que elle impregna, e converte em sua propria natureza.

Tal é a materia scirrhoza. Esta descripção é de Mr. Laenec.

Pelo extravasamento do sangue contido nos vasos da massa cerebriforme, se vê que o cancro pôde tomar os aspectos mui variados, seguindo-se disso as immensas variedades delle.

O cancro atacando ao olho pôde principiar :

Ou pelo nervo optico ;

Ou pela retina ;

Ou pela iris.

Pela transparencia do crystallino, e pela dilatação da pupilla, se pôde ver uma massa amarellada, brilhante, ou verde, no fundo do olho; essa massa pôde avisinhar-se a iris, passar a cornea, limitar-se ahi, ou invadir as palpebras : — então poder-se-ha conhecer a existencia do cancro.

Nem sempre estas alterações são observadas, porque em algumas occasiões o olho lagrimeja, a visão vai em diminuição e elle é photophobo.

Mais para o diante as dores se manifestão, os ganglios sub-maxillares e preauriculares engurgitão-se.

Seguindo a sua marcha se observa um tumor duro, desigual, e em forma de bóssa ;

O cristalino desloca-se, e fica opaco e é absorvido ;

A iris é calcada para o diante, e a camara anterior ou enche-se de sangue ou desaparece ;

A esclerotica toma uma cor carregada em sua parte anterior ;

A cornea ou é contrahida ou augmentada, com irregularidade na forma, e pôde conservar por muito tempo a sua transparencia.

O tumor progredindo sahe tanto da orbita que o olho já não é protegido pelas palpebras.

A conjunctiva injecta-se, inflamma-se, e é infiltrada pela serosidade.

O olho ulcera-se em um ou muitos pontos, e dá passagem a uma massa carnuda, e segue-se uma supuração fetida, e hemorragia mais ou menos abundante.

As palpebras para logo são invadidas; bem como a glandula lacrimal.

Este tumor varia de volume.

As dores progridem, o doente se abate, e termina a existencia no estado de fraqueza.

A materia cancerosa pôde invadir o cerebro, e então a morte será mais apressada.

O doente sente dores lancinantes, que o exasperam, especialmente á noite.

Sobrevêm delirios e febres.

Tal é o desenho da invasão do cancro do olho; devendo notar-se que poucos caracteres differençaõ os dous typos; e que esses caracteres são mais pronunciados no encephaloide que no scirrhozo.

O globo do olho pôde ser ainda affectado por uma degeneração, que é a melanica.

A melanose não é outra cousa mais do que certa producção accidental morbida, solida ou liquida formada nos órgãos, tendo por especialidade a cor escura, mais ou menos carregada.

Os symptomas, posto que em principio sejam dubios, com tudo, quando é externamente e n'um periodo mais avançado se a conhece.

Quando internos é um tumor como qualquer outro, e só ulcerado, ou por meio da punção exploradora se o distingue.

Quando externamente tem elle uma cor escura azulada mui particular.

Pela sua marcha destruidora elle distende o olho, occasionando terriveis dores, e acaba ulcerando-se.

Pela ulceração corre uma materia escura, ou mesmo sangue negro.

ART. 2.º

Dos tumores da cavidade da orbita.

Tratámos até aqui do cancro e melanose do olho, seguem-se agora os tumores da cavidade da orbita; isto segundo a ordem que temos traçado.

Considerações geraes sobre estes tumores.

Os tumores que nascem na cavidade da orbita, poderão ser classificados pelo modo seguinte:

Ou do eume da cavidade orbitaria;

Ou da parte media da orbita;

Ou da base desta cavidade.

No primeiro caso—elles achão-se mui perto das meningeas e nervo optico, e concebe-se quaes as consequencias que dessa localisação poderão sobrevir.

No segundo caso—elle está em relação com a circumferencia media do globo do olho.

No terceiro caso — poderá marchar para o diante do olho.

Estando na parte posterior do bolbo ocular, o tumor empellirá a este directamente para o diante, seguindo-se d'ahi a exophthalmia.

A exophthalmia é symptoma de todos os tumores intra-orbitarios; mas segundo a posição que tomar o olho se poderá conhecer mais ou menos, o local em que elle se achar; assim:

Estando o tumor na parte media inferior da cavidade, — o globo do olho é compellido para cima.

Estando no lado opposto,— será o olho impellido para baixo;

E estando nos outros lados,— o olho irá para os oppostos.

Se vê por isso que a myopia ou a presbyopia serão as consequencias destas modificações dos diametros naturaes do orgão da visão.

Serão mui felizes os doentes se os tumores, que não estão dentro da orbita, não fizessem mais do que se manifestarem exteriormente; infelizmente isto não succede, quasi sempre assim; porque se elles nascerem:

Nas fossas nasaes,— poderão destruir a parede orbitaria interna;

Se nascerem nos seios maxillares,— poderão destruir a mesma parede;

Se nascerem na base do craneo,— poderão destruir a parede orbitaria superior;

Se nascerem no canal sub-orbitario,— poderão destruir a parede orbitaria inferior.

A marcha dos tumores depende do local em que se desenvolverem; porque:

Se o tumor estiver no fundo da cavidade—o olho será destendido e levado para o diante, pela razão de offerecer este menos resistencia ao tumor, do que a parte posterior que é ossea;

Se o tumor nascer na parte media da cavidade—poderá se desenvolver para o diante e para a traz;

Se o tumor existir na base da cavidade,—a sua marcha poderá ser igual para todos os lados.

O globo occular sendo impellido para fóra de sua cavidade fará, ao principio, tao pouca saliencia que pouco se perceberá; marchando, porém, o tumor, o olho será levado muito para fora, e então nascerão as alterações physiologicas do orgão.

Por essa extraordinaria saliencia do olho, fica elle exposto á acção destruidora dos agentes que estão no ambiente, seguindo-se alterações anathomicas.

Assim falto de protecção palpebral, sobrevem uma irritação produzida—seja pela presença do ar—que o secca e irrita, ou—pela presença de corpos estranhos, sobrevindo uma inflammação.

Esta inflammação chega ao ponto de produzir uma keiratite ulcerosa, o que é assaz grave.

Emfim, todas as membranas do olho podem ficar alteradas, resultando a amauroze ou a completa destruição d'elle.

Nem sempre o doente sente dor, e mesmo essa ligeira tenção—resultantes das alterações do olho—parece desaparecer, porque elle se acostuma com ella.

No caso do tumor apparecer fóra da orbita, se o deverá explorar com o dedo; e a resistencia que offerecer, e a solidez que se observar, serão bastante para o diagnosticar, algumas vezes.

Não será sufficiente esta exploração se o tumor for intra-orbitario; porque: As partes que se appresentarem a ella poderão serem duras, e no entanto não ser o tumor solido,— como no caso de distenção de kisto;

Porque:

Póde apresentar uma consistencia molle e mesmo fluctuante, e não conter liquido,— como no caso de cancro amollecido.

Neste estado de duvida far-se-ha uma punção, que os praticos chamão — exploradora.

Os ossos da cavidade orbitaria, além de poderem ser afastado extraordinariamente,— pela introdução do tumor por entre elles,— poderão ser necrosados e cariados.

Os musculos e nervos, além da distenção que podem soffrer,— pela pressão pouco grande do tumor sobre elles,— poderão tambem serem destruidos pelo esmagamento,— se a pressão for aturada e augmentada.

O tratamento dos tumores da orbita varia e acompanha ao diagnostico.

O tratamento therapeutico deverá ser dividido em duas cathogorias; será:

1.º Tratamento de tumores liquidos.

2.º Tratamento de tumores solidos.

Os meios cirurgicos para os tumores contendo liquidos são os seguintes :

Puncção com, ou sem injeção.

Para os tumores solidos deverá ser feita a ablação.

Conseguida a extirpação do tumor, o olho, isto quando houver felicidade, tomará sua posição natural.

De tudo quanto temos escripto neste artigo se póde deduzir :

- 1.º Que o diagnostico dos tumores intra-orbitarios é difficilimo ;
- 2.º Que a marcha destes tumores é variavel ;
- 3.º Que a perda de vista é quasi sempre certa ;
- 4.º Que a vida do doente correrá risco emminente se o tumor estender-se á massa cerebral ;
- 5.º Que nem sempre se poderá reconduzir o olho ;
- 6.º Que quando o tumor canceroso tiver invadido o globo do olho se o deverá extirpar conjunctamentê ;
- 7.º Que muitas vezes só com repetidas puncções evacuadoras poder-se-ha conseguir a extincção de certos tumores ;
- 8.º Que nem sempre poder-se-ha subtrahir a causa da exophthalmia sem lesar o olho.

Considerados assim em geral os tumores, passaremos agora a especialisa-los.

Em oito generos principaes se podem dividir os tumores intra-orbitarios :

- 1.º Fleimões da orbita ; 2.º abcessos symptomaticos ; 3.º exastoses ; 4.º lipomos ; 5.º kistos ; 6.º caneros ; 7.º anaurismas ; 8.º tumores erectis.

1.º **DO FLEIMÃO.**—Resulta da inflamação do tecido cellular uma tumefacção, especialmente por detraz do olho e invadindo as partes adjacentes ; a base em que descança posteriormente o olho fica maior e o impelle para diante.

Sendo esta especie de exophthalmia commum a todos os tumores desse lugar, como destingi-los ? Distinguem-se porque a exophthalmia produzida por um fleimão é rapida, em quanto que a produzida por outros tumores levão, em geral, muito mais tempo para chegar ao mesmo gráo.

As lesões thraumaticas, a presença de corpos estranhos, a inflammação geral do olho, a erysipella flegmonosa das palpebras, uma alteração da caixa osseada cavidade arbitraria, a infecção purulenta e o estado puerperal—taes são as causas da inflammação do tecido cellular da orbita.

Este fleimão é acompanhado, sempre, por um sentimento de tensão que parece existir no olho ; esta dôr que é gravativa, torna-se tão intensa que impede o repouso aos doentes, e se irradia pela circumvisinhança.

Os filetes ciliares, esticados e comprimidos pódem participar da inflammação e supurarem.

Pela privação destes nervos sensitivos e motores, a iris paralisa-se, bem assim a pupilla que fica immovel

A nutrição do olho pôde extinguir-se, porque os filetes ganglionares, que presidem a esta função, soffrem a mesma destruição.

A visão ou é pouco alterada, — se o nervo optico fôr pouco destendido, ou é destruido, — se o nervo optico fôr muito lesado.

Pelo progresso da inflammação sobrevem uma reacção manifestada pelo pulso, pelo calôr da pelle, vermelhidão da conjunctiva &c. &c.

As faculdades intellectuaes serão excitadas, e mesmo tocarão ao delirio, se a inflammação approximar-se do cerebro, ou communicar-se com elle.

As complicações que acompanhão a este tumor são estas : erysipella das palpebras, dema sub-conjunctival, keratite, iritis, paralyisia da iris, da cornea, do nervo optico, alterações dos ossos vizinhos, obliteração da arteria ophthálmica, meningite, encephalite e a ophthalmite.

Termina-se pela resolução, e endureação (raras vezes), e supuração (quasi sempre).

2.º DOS ABCESSOS SYMPTOMATICOS.— Pela influencia de uma causa geral, nota-se uma alteração lenta e progressiva de um dos ossos da cavidade orbitaria ; no fim de um certo tempo sobrevem uma supuração, que é ou não abundante, e a qual se communica ao tecido cellular circumvizinho, e fica cercado por uma especie de membrana resistente, pôde porém o pus sahir, e então deixa na abertura que faz uma cicatriz violacea, que abrindo-se de novo deixa sahir o pus — é o abcesso symptomatico.

Os symptomas estão na relação da quantidade de pus accumulado nesta cavidade, e com a séde d'elle.

A marcha é essencialmente lenta, e pôde durar annos.

O diagnostico se obtem com os soccorros dos dados proprios dos tumores liquidos desta região ; assim :

O estado cachetico do doente, a exophthalmia intensa, a coloração e o adegalçamento dos envoltorios proprios do olho, os caracteres do pus, a nudez dos ossos, sua rugosidade, e fragmentos necrosados — taes são os principaes dados do diagnostico.

3.º DAS EXOSTOSES.— São estes tumores os que têm por ponte de partida o tecido osseo, ou seu periosteo.

Na orbita estes tumores são, quasi sempre, devidos a uma verola ; mas estendendo-se por quasi todo esqueleto designa a molestia.

Tambem uma lesão thraumatica a pôde desenvolver.

Nem um symptoma a que ella dá lugar lhe é particular, e só quando o tumor é externo se o poderá diagnosticar ; no caso contrario o diagnostico local é impossivel.

Se fôr extenro basta para o caracterisar a sua consistencia e rijeza pedregosa.

A sua marcha ou é rapida ou é demorada ; é rapida quando a syphilis o produz ; é demorada debaixo da influencia de qualquer outra causa.

Seu volume pôde passar os raios da região orbitaria.

Uma vez diagnosticado, o tratamento será cirurgico ou therapeutico.

4.º Dos LIPOMOS. — E' o tecido cellular da orbita que pela, sua hypertrophia se espessa e circumscreve-se, que fôrma esta variedade de tumor.

Sua causa é obscura.

Sua marcha é, regra geral, mui lenta e sem dôr, até que a exophthalmia a surprehende em sua destruição.

E' distincto do fleimão porque, este é acompanhado pela inflammação— não ; e porque a marcha do primeiro é diversa.

E' distincto do abcesso chronico porque, naquelle não existe o estado cachectico ; porque o abcesso chronico adelgaça a pelle; porque, emfim, a consistencia pastosa do lipomo differe da molleza de abcesso symptomatico, e em ultima analy-
se, o toque os distinguirá.

O tratamento radical é o cirurgico.

5.º Dos KISTOS.— Pódem ser simples ou hydaticos, os primêiros são mais frequentes do que os outros.

Quando são possiveis de exploração dedal (o que é raro), encontra-se uma superficie redonda uniforme, e dá a sensação de um corpo liso e hrunido.

Quando contém liquidos, e que é destendido por elles, fica duro, resistente e solido ; porém quando não é duro e é destendido, é facilmente comprimido.

Esta especie de deslocamento de liquido, e o choque nas suas paredes é para alguns praticos bastante para o conhecer ; mas poderá este dado levar a um diagnostico errado, se encontrarmos um cancro amollecido, porque tambem o dedo comprimindo o desloca com facilidade.

Na sua marcha comprime e atrofia as partes molles, adhere as osseas visinhas, e augmenta, na razão do seu crescimento, a cavidade orbitaria, e pôde penetrar no cerebro pelo buraco optico, ou fendas orbitarias.

Na orbita o kisto tem paredes fibrinosas e espessas, ou delgadas como que serosas.

Pôde fôrmar um só corpo, ou muitos, e conter hydatidos.

O liquido contido é ligeiramente roseo ou cetrino ; e a observação tem mostrado no seu interior corpos estranhos, como dentes, pellos &c.

A sua marcha é lenta, e pôdem ficar estacionarios.

O lipomo desta região pôde ser confundido com os kistos, e só a punção exploradora os distinguirá.

6.º Do CANCRO. — Tem por origem o periosto, ou o tecido osseo, ou a glandula lacrimal, ou o tecido cellular.

E', em geral, um tumor irregular, arqueado ou anfractuoso, é duro ou molle, e póde estar adherente as paredes osseas dessa região ; o olho é impellido para o diante e póde ficar intacto.

No seu principio não affectão as dôres proprias do cancro (lancinantes), e nem engurgitão as glandulas lymphaticas ; pela continuação de sua marcha estes caracteres se desenvolvem.

Os tumores cancerosos são inkistados ou não ; estes ultimos marchão com mais rapidez, e são mais graves pela sua reprodução.

A ablação é o tratamento conveniente.

7.º DOS ANEURYSMAS. — Não obstante o pequeno volume da arteria ophthalmica, é ella a séde de tumores ; e para provar isto ahi estão as observações de Guthrie, Sculei e Langenbck.

Destinguem-se dos tumores precedentes, pelo caracter proprio dos aneurysmas — o sibilo, que póde ser verificado pela escutação na região temporal.

O tratamento é a ligadura da carotida, que pelas suas consequencias torna patente a gravidade do prognostico.

8.º DOS TUMORES ERECTIS. — Os tumores erectis da orbita devem ser distinctos em internos e externos ; quando externos seus caracteres phisicos bastão para os fazer conhecer.

O seu volume varia, desde o tamanho de uma noz até o de um ovo de galinha.

A marcha destes tumores é rapida. Os doentes ouvem por toda a cabeça, não o sibilo, como nos aneurysmas, mas um sussurro mui incommodo, o que não é constante.

Pela facilidade de sua propagação, e pelas consequencias da operação estes tumores são mui graves.

O unico tratamento é a ligadura da carotida, que tem sido feita por Travers, Velpeau, Roux, Jobert e outros.

Eis um ligeiro esbôço dos tumores da cavidade da orbita ; sabemos que não é um perfeito quadro, mas os indicamos como as nossas forças o permittirão.

ART. 3.º

Pouco nos resta a dizer sobre os casos que reclamão a extirpação do globo occular ; e este resto consiste na exophthalmia.

E' conhecido na sciencia pelo nome de *exophthalmia* a saliencia preternatural do olho.

Pela definição se vê que essa saliencia pôde ser por mais de um modo, ou por mais de uma causa; e é por isso que os praticos o dividirão em:

Exophthalmia traumatica;

Exophthalmia espontanea;

Exophthalmia symptomatica.

Por *exophthalmia* traumatica se entende a sahida do globo do olho de sua cavidade, em consequencia da acção de um corpo que, ou penetre por entre este órgão e as paredes orbitarias, ou choque as paredes externas da mesma cavidade, seguindo-se dessa violencia, ou a destruição dos laços naturaes que o fixão, ou o relachamento dessas partes.

Não é novo na sciencia qualquer desses casos; assim tem-se visto uma bola de bilhar bater fortemente sobre essa região, e o globo do olho pender sobre a face: Goso Covilhard observou-o.

Uma pedrada sobre a cabeça de um menino fez saltar o olho: — Spigelius o viu. Emfim immensos factos iguaes forão vistos por — Whit, Bell, Bonet, Beer, &c. &c.

Como consequencia desses choques poderá a retina ficar paralisada, e quer esta paralisação seja completa ou não, o olho opposto poderá ficar amaurotico: — Lawrence notou isto.

E' sabido que quando o olho não estiver lesado, e que apenas se ache preso pelo nervo optico, se o deverá reconduzir, porque é possível a cura; e sirvão de exemplos os casos citados por Covilhard e Spigelius.

No caso, porém, de lesão dever-se-ha extirpar-lo.

A *exophthalmia* espontanea é aquella que existe em consequencia da paralisia dos musculos do olho; como porém, não nos consta caso algum de extirpação do órgão por tal estado, por isso não nos occuparemos com ella.

A *exophthalmia* symptomatica é aquella que revela a existencia de tumores na região intra-orbitaria.

Como sua marcha depende da marcha dos tumores nesse local, e como já fizemos no artigo antecedente considerações geraes sobre tal assumpto, por essa razão nada mais accrescentaremos sobre este ponto.

Deveríamos pôr fecho neste artigo; porém é elle pouco extenso, e por tal motivo, e porque nos restão poucas cousas a dizer, incluiremos nelle o pouco que nos fica a escrever sobre contra-indicações.

Nas circumstancias que referimos, dever-se-ha sempre extirpar o globo occular?

Entendemos que não; porque:

Se o doente for de uma idade avançada, se suas forças estiverem esgotadas por longo padecer, quer proveniente desta enfermidade, quer de outras; e mesmo, se o doente for bastante idoso, embora não tenha outras molestias, para que fazel-o passar pelos martyrios inherentes a uma operação, se elle já está debruçado sobre a sepultura?

Se, no caso de cancro, existir a diathese cancerosa, para que extirpar o olho se temos a certeza do reaparecimento de outro, talvez em região mais melindrosa, em região que comprometta immediatamente a vida?

Se não houver certeza de extrahir toda a porção cancerosa, para que extirpar o globo do olho?

Se pelas repetidas punctões evacuadoras se obtiver a cura de certos tumores liquidos, para que extirpar o globo do olho?

Nestes casos entendemos, podemos entender mal, que a extirpação do olho será desnecessaria, inutil, e fatal, não só para o doente, como para o operador.

ART. 4.º

Dos methodos e processos porque se faz esta operação.

Temos, para completar o nosso ponto, de tratar dos methodos e processos porque se extirpa o globo do olho; mas nos parece que, tendo fallado sobre extirpação de tumores, seria bom mencionar os processos porque se faz esta operação; por isso passaremos em revista alguns delles.

Para este fim — poder-se-ha fender verticalmente a palpebra collocada por diante do tumor.

Este processo não preenche o fim pelas razões seguintes:

1.º Porque—o espaço que se fizer não será sufficiente para dar sahida ao tumor;

2.º Porque,—por sua insufficiencia, ter-se-ha de fazer uma incisão transversal na conjunctiva palpebral.

3.º Porque—sobrevindo uma inflammação, depois da ablação do tumor, a

palpebra poderá participar della, e não existindo as circumstancias favoraveis para uma cicatrização por segunda intenção, seguir-se-ha um ectropion, e isto exigirá uma segunda operação.

Portanto, este processo deverá ser rejeitado.

O segundo é aquelle que ataca o tumor pela conjunctiva, fazendo uma incisão transversal.

Este processo não serve :

1.º Porque,—para os tumores colocados na parte superior do olho, e que se achão entre a abobada orbitaria e o musculo levantador da palpebra superior, o operador terá de cortar necessariamente este musculo ;

2.º Porque,—a passagem aberta na conjunctiva oculo-palpebral estabelece uma communicação directa entre o interior da cavidade onde existio o tumor, e a superficie esclerotico-corneal ; e como esta cavidade é séde de uma supuração, este pus irá banhar o globo do olho, e as consequencias de tão má visita são concebidas ;

3.º Porque,—quando a cicatrização da ferida orbitaria é terminada pôde sêguir-se uma adherencia intima da mucosa palpebral com o tecido cicatrizante, resultando d'ahi o bordo livre da palpebra voltar para dentro, e por tanto fazendo-se necessaria outra operação.

Portanto, este processo deve ser rejeitado.

O terceiro meio é aquelle em que se pratica uma incisão no nivel da base das palpebras, e sobre o musculo orbicular.

Nos parece ser o melhor processo ;

1.º Porque,—seja qual for a posição do tumor, uma das palpebras é calcada, o musculo orbicular destendido, e então cortado o tecido cellular subcutaneo, o orbicular, a pelle, e a apanevrose palpebral se obtem todo o espaço dezejavel, tanto de cima como de baixo, e aos lados ;

2.º Porque—se pôde collocar o doente na posição conveniente, a fim de dar sahida ao pus que se formar.

3.º Porque—se pôde deixar um corpo estranho na ferida, com qualquer fim que o cirurgião julgar conveniente, pois pode elle ficar afastado do globo sem o offender ;

4.º Porque—a cicatriz fica perdida no meio das dobras da palpebra, e portanto não ha desformidade.

Pelas razoes expendidas preferimos este processo a qualquer dos outros, por nós referidos.

Para que o resultado complete a expectativa do operador, se faz necessario um aparelho instrumental adequado a orgãos tão delicados, orgãos que concorrem todos para o preenchimento de uma funcção.

Por isso recommendão os praticos instrumentos rombos, com o fim de isolar o tumor, e separar das partes com que está em directa relação.

Antes de cortar qualquer parte será providencia introduzir o dedo, e sondar a cavidade e visinhanças.

Um operador prefere as tracções moderadas do tumor com uma origina, do que introduzir o bisturi, pela razão deste ser mais perigoso.

Outra recommendação é a de, no caso de cancro, percorrer com o dedo a orbita, a ver se fica alguma porção morbida.

O instrumental appropriado é este :

Uma sonda canelada, uma spatula ordinaria, uma erigna dupla, e tesouras rectas e curvas.

Eis os processos de que temos conhecimento, o que não admira porque somos noviços, e não podemos estar em dia com esse tão importante ramo dos conhecimentos cirurgicos.

Casos haverão em que seja necessaria a extirpação da glandula lacrimal ; então são indicados dous processos ; que são :

O de Velpeau e o de Acrel.

O de Acrel, é aquelle que extrahе o tumor atravez da palpebra correspondente.

O de Velpeau é aquelle que faz uma incisão na commissura externa das palpebras, põe a descoberto o tumor, e o desseca com delicadeza.

O processo de Velpeau nos parece preferivel, não só pela brevidade como pela facilidade.

Temos escripto sobre os processos porque se extirpão os tumores do fundo da orbita, assim como sobre a extirpação da glandula lagrimal temos indicado os que conhecemos; resta-nos, portanto, a extirpação do globo do olho, que passaremos a fazer.

Conhecemos dous methodos que se fundão na poupança ou não do nervo optico ; além de outros processos que vamos escrever.

Os methodos são os de Bonet e de Louis.

PRIMEIRO METHODO.

Bonet afasta, quanto baste, as palpebras com instrumentos appropriados, ao depois corta o recto interno, e passa pela esclerotica de um lado, e os musculos facia-sub-conjunctival de outro, e encontra os musculos rectos que corta perto da

sua inserção no olho ; depois corta os dous obliquos e o nervo optico — o mais perto possível do olho.

Este processo, que tem sido executado dez vezes pelos operadores F. Cunier, Staber, Gensoul, A. B. Fiugneri, e Lenoir, tem um grande inconveniente, a saber :

Si é uma verdade a difficuldade do diagnostico do cancro, e si, quando se o conhece, já tem elle feito estragos immensos, como ha de poupar-se o nervo optico e musculos rectos, que podem estar contaminados e consequentemente ficar o germen de um mal tão terrivel, mal que póde estender-se as partes visinhas ?

Uma vez porém diagnosticado outro tumor será elle applicavel.

SEGUNDO METHODO.

Louis divide o seu processo em tres tempos : no primeiro o cirurgião fica do lado do olho que tem de ser operado, distende a palpebra inferior, manda um ajudante conservar a superior ; então com um bisturi dá um talho, abrangendo a metade inferior da base da orbita, o qual principia no angulo interno e termina no externo ; assim dividida a conjunctiva no lugar, em que ella abandona a palpebra inferior para passar ao olho, ficando separado o tendão do pequeno obliquo, em seguida faz o operador outra incisão que, nascendo do angulo interno do olho, chega ao externo, e ficão assim reunidos os dous semi-circulos formados pelo primeiro golpe e este ; pelo ultimo fica dividida a conjunctiva na sua passagem da palpebra superior ao olho, ficando cortado o musculo levantador da palpebra superior, e o tendão do grande obliquo.

No segundo tempo é o olho seguro fortemente com uma erigna ou pinças, e é erguido ; o cirurgião pega em um bisturi, como em uma penna para escrever, e o introduz no grande angulo do olho ; desse lugar o dirige para fóra e para baixo, raspando a parede inferior da orbita até o pequeno angulo do olho ; deixando este cahir para baixo, mete de novo o bisturi no mesmo angulo por onde introduzira no principio, e o faz caminhar para fóra e para cima rastejando a parede superior da orbita, acabando na primeira incisão, e deve ver si a glandula lacrimal ficou separada.

No terceiro tempo, o olho ainda estando preso, afasta para fóra a parte cancerosa, tomando a tesoura curva a introduz pela parede interna da orbita, ficando a sua concavidade do lado do tumor, e divide o feixe musculo-nervoso ;

feito isto a tesoura traz o olho, e corta algumas partes que possam ter ficado.

Este processo tem de bom o uso da tesoura, pois com ella o operador está livre de penetrar as aberturas osseas dessa região, e de cortar os vasos que ahí estão.

Seguem-se os processos de Desault, Dupuytren o Boyer.

O de Desault é em tres tempos.

No primeiro elle principia dilatando o angulo interno do olho;

No segundo, estando seguro por meio de pinças ou erigna, eleva-o, e pegando em um bisturi ordinario, introduz no grande angulo do olho, e segue tudo quanto Louis faz no segundo tempo;

No terceiro o operado leva um bisturi ao longo da parede externa, e corta o feixe musculo-nervoso transversalmente.

Este processo tem a vantagem de, indo o instrumento pela parede externa da orbita, não penetrar as fendas pterigo-maxillar e esphenoidal; e além disso tem a vantagem da brevidade.

Dupuytren segura o olho, desprende-o da parede superior, e faz ao longo dessa parede escorregar uma tesoura curva sobre as faeces; cortando o pedunculo do olho volta este para baixo da face, e corta as ligações inferiores.

Tem a vantagem este processo da rapidez, porém tem a desvantagem de não servir para quando se tiverem de extrahir as palpebras.

O processo de Boyer é em tres tempos, e segundo o estado das palpebras elle difere do de Louis.

Se as palpebras estiverem cancerosas Boyer faz uma incisão na circumferencia da orbita, que principia na palpebra inferior, e dilata a commissura externa delle.

Se a conjunctiva palpebral estiver cancerosa deve ser cortada.

Não se dando estes casos, é o mesmo processo de Louis.

Este processo deve ser preferido aos outros em razão de comprehender mais casos.

O Illustre Sr. Dr. Manoel Felicianno Pereira de Carvalho segue o seguinte processo, quando tem de extirpar o globo do olho:

Toma um bisturi recto de lamina estreita, o introduz por baixo do angulo externo das palpebras, fende a pelle, e assim ficão ellas divididas, na extenção de meia pollegada, mais ou menos.

Implanta uma erigna simples no globo do olho para firma-lo ou move-lo, segundo as necessidades que occorrerem.

Com o mesmo bisturi faz a disseccão do olho, começando do angulo externo ao interno, seguindo o rego occulo-palpebral inferior; e depois do ponto de partida contorneando o semi-circulo superior.

Ficando então o olho preso só pelos musculos rectos, e nervo optico, o operador toma uma tesoura curva a introduz na cavidade com a convexidade para cima, e corta os musculos e nervo.

Com a mesma tesoura corta alguma porção que, por ventura, tiver ficado de tecidos morbidos.

A faca de dous gumes de Rozas tem sido, por alguns operadores, empregada em lugar do bisturi; mas o Illustre operador Brasileiro prefere este a aquella.

E' recommendação de alguns praticos extirpar-se, sempre conjuntamente com o olho, a glandula lagrimal, para evitar o lagrimejar; porém o Sr. Dr. Pereira de Carvalho entende, e deste pensar são muitos outros operadores tambem de nomeada, que é desnecessario, porque todas as vezes que tem operado esse inconveniente nunca se mostrou.

Tem sido aconselhada a amputação parcial do olho: e dever-se-ha faze-la? Quaes as vantagens e inconvenientes? serão ellas taes que fação o operador executa-la?

Amputaando-se-o parcialmente evita-se:

1.º O corte do nervo optico o subtrahе operando não só ás dores provenientes disso, como aos riscos de complicações perigosas com o cerebro;

2.º A arteria ophtalmica é poupada, e consequentemente são as hemorragias insignificantes;

3.º Ficarà um coto onde poderá ser assentado um olho artificial; isto não só para encobrir uma desformidade, como porque evita o voltamento da palpebra, aperta o conducto lagrimal, faz as lagrimas tomarem o caminho ordinario, e por ultimo mantem a cavidade em suas dimensões naturaes.

Ao par destas conveniencias está uma desconveniencia que pesa mais, e inutiliza aquellas em certos casos. Ei-la:

Póde o operador traçar o limite onde termina a destruição, por exemplo no caso de cancro, para levar até ahí o gume do instrumento, e deixar além só partes perfectamente sans?

Não póde.

Portanto, se o mal tem de reproduzir-se, se uma nova operação tem de fazer-se, é inutil e perigoso fazer-se a amputação parcial do olho.

Porém no caso em que o operador conheça a estenção do mal, por exemplo, no de staphyloma, a amputação parcial e exequivel.

Estes são os methodos e processos porque se fazem hoje as operações da extirpação do globo ocular.

Para o lado estão deitados os processos porque se fazia em tempos mais remotos a extirpação ocular; não os analysaremos, e sim os mencionaremos.

George Bartist esvasiava a orbita com uma colher de bordos cortantes

Frederico Hilden destacava o tumor, com um bisturi, das palpebras, tomava-o em uma bolsa de cordões, e terminava a operação cortando os musculos rectos e o nervo optico com um escalpelo curvo de dous gumes e rombo na ponta.

Seguiam-se Lavauguian, Saint-Ives, Bidlos, Moth e Delpech ; bastando para o primeiro uma lanceta de cabo ; para o segundo um fio e um instrumento cortante ; para o terceiro um bisturi comprido que formava angulo com o cabo ; para o quarto um escalpelo concavo ; e para o quinto tesouras escavadas.

Temos concluido esta parte ultima de nosso segundo ponto.



Das fabricas de velas de sebo e das de sabões do Rio de Janeiro, que influencia tem exercido na saude de seus empregados e visinhos?

Não admira que esta importante questão de hygiene seja por nós tão mal desenvolvida ; porque, além de exigir grandes conhecimentos — chemicos, physiologicos e pathologicos, que não possuímos, falta-nos o tempo para visitar e examinar todos os estabelecimentos desse genero, que abundao no centro e arredades desta capital ; tambem nos falta o tempo para colher, ler e reflectir o que sobre tal assumpto os mestres na sciencia tiverem escripto.

Pedimos, portanto, desculpa aos nossos illustrados juizes, pelas immensas faltas que estão espalhadas no corpo deste escripto.

Pretendemos demonstrar, nesta these, que os corpos que entram na composição das velas de sebo, e na dos sabões, não são nocivos a saude publica ; e que as molestias predominantes nos estabelecimentos de que tratamos, são consequencias de outras causas.

Os raciocinios, que fazemos sobre tal assumpto, têm por base o estudo das materias empregadas nessas fabricas, e as estatisticas mais ou menos completas, que nos fizerão o favor de fornecer alguns Srs. medicos que têm tratado dos doentes desses estabelecimentos, e na falta destes servimo-nos das informações dos proprietarios.

Em primeiro lugar faremos algumas considerações sobre os corpos gordurosos ; em seguida quaes as materias empregadas nessa industria ; mais para o diante diremos quaes as molestias predominantes nos estabelecimentos, e ao que as poderão rasoavelmente attribuir.

Considerações sobre os corpos gordurosos.

As materias animaes e vegetoes contêm certos corpos particulares que são

chamados — gorduras —, e que são conhecidos pelas suas propriedades químicas.

Estes corpos existem nos estados — solido, liquido, e meio solido e meio liquido.

Elles são chamados —corpos neutros organicos—, porque no estado natural não apresentam reacção alguma.

Todos elles têm uma composição identica, porque encerrão acidos conhecidos pelos nomes de — margarico, stearico e oleico —, combinados com uma base que é o oxido de glicerina.

Este oxido é o principio doce dos oleos : — Parecer de Liebig.

Além dos corpos gordurosos neutros existem outros saes de base glicerica com acidos volateis, ainda que em pequena quantidade.

Estes acidos volateis, quando ficam livres, dão o sabor e cheiro as gorduras.

Certos oxidos mineraes, especialmente os formados com os metaes da primeira classe, segundo a classificação de Thenard, podem destruir as combinações dos saes gordurosos, e isolar a glicerina.

A oleina dá a consistencia as materias gordurosas ; assim, quanto maior fôr a quantidade della, tanto menor será aquelle estado.

As gorduras de ambos os reinos, quando são extrahidas dos respectivos corpos, vêm sempre misturadas com pedaços de outros tecidos.

Estes em contacto com o ar fórma, decompondo-se, além de outros principios, um corpo volatil de cheiro e sabor repugnantes, que vulgarmente se chama — ranço.

Pela acção da agua quente estes corpos desaparecem.

Pela acção do calorico sobre as gorduras ha desprendimento de gaz acido carbonico, e de um oleo volatil chamado por Berzelius — acroleina.

A glicerina por sua propriedade não volatil, altera-se, e os acidos organicos separão-se.

Pela distillação os oleos dão um producto mais solido do que elles.

Pela distillação das gorduras solidas dão ellas um producto de menos consistencia.

Estes productos de ambos os corpos contêm um acido concreto, e um acido liquido.

O acido concreto é o margarico, e o liquido é o sebacico.

As materias gordurosas aquecidas, em vaso incandescente, dão um residuo de oxido de carbono e hydro carburetos.

O acido sulphurico em pequena quantidade, quando em contacto com os oleos gordurosos, sob a influencia do calorico, separa a glicerina.

O acido elaidico é formado pela reacção do proto-azotato acido de mercurio sobre os oleos gordurosos, e a glicerina como base.

Os dissolventes principaes dos acidos gordurosos são : o alcool, o ether e o cloroformio.

A tintura de gyrasol envermelhece pelos acidos gordurosos, ao menos auxiliado pelo calorico.

Os acidos gordurosos nunca existem livres na natureza.

Para obtê-los se empregão os alcalis mineraes ; por essa operação fica a base livre.

Os acidos gordurosos, em ambos os reinos, são numerosos ; mas os que são empregados no fabrico das velas e dos sabões são os que mencionamos, ao menos aqui no Rio de Janeiro, e por essa razão deixamos os outros de parte.

Na pratica destes fabricos eis como se procede, isto muito em geral ; assim dizemos porque o tempo não nos sobrou para um exame aturado, e porque a nossa these é hygienica, e não um tratado pratico dessa industria.

As materias animaes ou vegetaes são, como temos dito, combinados ou misturas dos acidos stearicos, margarico e oleico, com oxido de glicerina.

Para obterem-se estes acidos livres, é preciso que se os ponham em contacto, á quente, com alguns oxidos metalicos que tenham mais affinidade com elles que a glicerina.

Aqui no Rio de Janeiro servem-se, ordinariamente, de soda, potassa e cal.

Em caldeiras appropriadas, com o calorico preciso, faz-se a mistura ; então a glicerina isola-se, e os oxidos se combinão com os acidos ; o oxido gorduroso é separado em lugar proprio.

E' o processo da saponificação.

Assim conseguida a isolação da base, pulverisa-se o novo sal, e se faz passar uma corrente de acido sulphurico, com o fim de apoderar-se do alcali mineral empregado.

Forma-se então o sulphato de cal, e os acidos organicos ficam de novo separados (se a cal é o empregado).

Segue-se logo a chrystallisação destes acidos, o que se faz por meio da prensa.

Pela pressão o acido oleico, que está entre os outros, é expellido para fóra ; podendo esta separação ser completa reunindo-se o calorico.

Pelo que se vê escripto só a glicerina é perdida ; porque o acido oleico é recolhido em deposito apropriado, e serve para a illuminação, depois de purificado.

As mechas ou pavios são feitas com o algodão, ou outra qualquer substancia, só, ou embebidas em uma dissolução de acido borico.

Dous inconvenientes havião nas velas , quer de sebo ou só de stearina , que vinhão a ser — a fragilidade a e côr escura.

Para obviar a estes inconvenientes os fabricantes empregavão o acido arsenioso.

Mas a experiencia demonstrou as funestas consequencias deste uso e parece que hoje, ao menos aqui no Rio de Janeiro, o emprego desta substancia está bandida ; porque caso algum de envenenamento não tem apparecido modernamente.

O fabrico das velas de sebo, propriamente, consiste em purificar o sebo em rama, fundi-lo , recebê-lo em fôrmas, e depois do resfriamento tirar as velas dahi e sujeita-las a acção da athmosfera por muitos dias para ficarem alvas e duras.

Taes são os processos porque se fabricão as velas ; quanto aos sabões nada mais são do que as combinações dos acidos organicos com bases mineraes, dão-lhes cores e consistencias, empregando o acido sulphurico, clorureto de sodium, protoxido de ferro, sulphureto de sodium , e materias organicas colorantes.

Tratemos agora das molestias que predominão nestes estabelecimentos.

Na economia dos operarios dous são os apparelhos mais affectados.

O primeiro é o respiratorio, — representado pelas bronchites, pnemonias, febres catarraes e tuberculos pulmonares.

O segundo é o aparelho digestivo — representado pelas diarrheas.

Tres as fontes donde poderiam provir os agentes alteradores.

Primeira fonte : — Materias animaes em putrefacção ;

Segunda fonte : — Oleos empyreumaticos ;

Terceira fonte : — Desprendimentos de substancias gordurosas, quer só, quer combinadas com outros principios.

Primeira fonte :

Os tecidos cellular, muscular, ligamentoso e outros, vem de mistura com o sebo, e entram em decomposição n os depositos, e essa putrefacção poderia alterar a saude dos operarios, segundo a opinião de alguns medicos.

Esta é uma questão muito debatida e que, talvez, já tenha passado em julgado ; a saber :

Se as materias animaes em putrefacção alterão ou não a saude publica ?

Parece que a resposta pela negativa é evidente, isto em presença dos factos.

Estes factos, bem que immensos, nós só registaremos o numero bastante para provar a nossa opinião.

A nossa opinião dizemos mal ; — a opinião daquelles que pesão na balança scientifica.

Os factos, pois, ou serão negados, ou levarão a evidencia ás intelligencias dos que pensão em contrario,

Primeira serie de factos fornecidos pelos amphytheatros anatomicos.

Lawrence, durante dez annos que trabalhou no hospital de Saint-Barthelemy, não vio molestia alguma dominante no lugar : — e comtudo a disseccão era feita em grande escala.

Parent-Duchatelet, que se deu a immensos trabalhos hygienicos, observou que no espaço de cinco annos, com o trabalho de cinco ou seis horas diarias, e em todas as estações, nos amphytheatros de Caridade, Marjolin, Hotel-Dieu e Faculdade : — não houve molestia alguma, não só em si, como no grande numero de estudantes.

Andrale Dupuitren observaram por longos annos o mesmo.

Boyer, que tinha uma somma enorme de estudantes em seus estudos anatomicos, notou a bella saude delles : não obstante as emanações serem immensas

Rousseau, no seu amphytheatro do Museu, onde deixava preparações por muitas semanas, a ponto dellas se tornarem inchadas, verdes e negras : — notou que elle e seus collegas de trabalhos gozavão nma boa saude.

Warren conta que em Edimburgo, pela falta de cadaveres, os estudantes guardavão os que obtinhão por muito tempo, e que trabalhavão sobre elles em completa putrefacção : — e comtudo elles gozavão uma boa saude.

Nos amphytheatros da nossa Escola, onde esta mocidade estudiosa e talentosa, trabalha sem interrupção, não só no correr do anno lectivo, como nas ferias — e trabalhara no tempo da febre amarella, no rigor do verão — não ficára doente.

Por estes factos estamos autorisados a dizer que — as emanações cadavericas, provenientes dos amphytheatros anatomicos, não alterão a saude publica.

Segunda serie de factos fornecidos pelas exumações.

Nos annos de 1822, 1825 e 1826, Rautier, Lemoine, Ferrari, Lemount, Piogette, Ozenam, Lepellitier, Marc, Chavallier e Tauret, exhumaram vin-

te e nove mil e quarenta e nove cadáveres em Paris e em outras cidades : — o costume os exhumadores e habitantes desses lugares não ficaram pesteados.

Vinte e duas exumações foram feitas por Orfila, sendo a mais recente depois do enterro de um mez, e a mais afastada de quatorze, e no entretanto : — nem elle e nem os seus discipulos ficaram doentes.

Este illustre professor diz que : — as exumações não são perigosas, e o que se tem dito em contrario ou é apocrypho ou exagerado, e devem-se attribuir os accidentes graves que têm apparecido em taes occasiões — a outras causas.

Parent Duchatelet em sua obra de hygiene, conta as celebres exumações feitas em Paris, depois da grande batalha dos tres dias de julho em 1830, em que a cidade estava impregnada de horrivel cheiro de cadáveres enterrados, — nas igrejas, nas ruas, nas praças, nas margens do rio, &c. &c., e que por isso a policia mandou-os desenterrar para de novo inhumal-os, e não houve epidemia, e nem elle, nem Pascal, Gaultier, Andral, que dirigirão as exumações, tiveram molestia alguma.

Clarke e Rusch estão persuadidos de que os coveiros são invulneraveis as epidemias.

Por estes factos, pois, estamos autorisados a pensar que : — as emanações cadavericas, provenientes das exumações, não alterão a saude publica.

Terceira serie de factos fornecidos pelos diversos lugares onde existem em grande escala materias animaes em putrefacção.

Montfoucon é um lugar onde existem constantemente para cima de doze a vinte mil animaes em putrefacção, e sobre esse deposito eis o que diz Parent Duchatelet :

« Vi milhares de cadáveres de animaes em decomposição, vi um solo embebido de sangue e liquidos, que desprendião o mais asqueroso fetido, senti um ar impregnado de emanações putridas, e no entanto : — nem os empregados dos estabelecimentos visinhos, nem outros moradores tinham a saude alterada.

Examinando-se esses individuos se observa a — mais bella robustez. Deyeux, e Parmantier contão que virão com pasmo uma mulher ro-

busta, e cinco filhos de um empregado desse mesmo lugar, que dormião em um quarto aonde foi impossivel a commissão penetrar.

Parent Duchatelet espantou-se de ver ahi uma mulher que tinha muitos filhos, todos robustos e de uma saude perfeita; viu um, que ainda era de peito, depositado em um despojo de animal fetido, e esta mulher disse-lhe que assim havia creado os outros.

Na invasão do colera nem um empregado deste estabelecimento adoeceu.

Nas circumvisinhanças deste lugar, como a Grand Villette, o colera atacou na relação de um sobre sessenta e nove; e na pequena Villette, que é mais perto, na relação de um sobre sessenta. Ainda são observações do mesmo Parent Duchatelet.

Nas fabricas de curtir couros, onde ha emanações putridas, os empregados têm boa saude:— observações de Derval e Gorgerot.

Nas fabricas de cordas de tripas, o mesmo:— Observações de Labarraque.

Em uma grande fabrica de Conhan (Escossia) onde deixavão apodrecer ao ar materias animaes, e onde havia insuportavel fetido, os operarios — tinhão boa saude. E' observação de Chisholm.

Em Bryton existe uma fabrica de extracção do oleo animal, e ha ahi um máo cheiro, e no entretanto os visinhos e moradores — gozão boa saude. Observação de Warren.

Nas refinarias de assucar de Bristol, onde é empregado o sangue de boi, não só os empregados, mas os visinhos — gozão boa saude. Observação de Ozenam.

Isto tambem se verifica aqui no Rio de Janeiro.

O matadouro de Santa Luzia exhala um cheiro pessimo, de materias animaes decompostas, e é sabido que durante a febre amarella foi um lugar por ella respeitado.

Na provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul, nos arredores de grandes povoados, como Pelotas e outros, onde existem essas immensas *charqueadas* — não ha epidemia, e existindo muitos operarios (escravos e livres), — e comtudo esses entes vivem envolvidos continuamente por milhares de emanações putridas.

Por ultimo á poderosa opinião do maior hygienista conhecido — Parent Duchatelet — se deve reunir a de Thouret, que foi decano da faculdade de medicina de Paris, que dizem serem as emanações putridas inoffensivas a saude publica.

Consignemos aqui a opinião de Guerard, admittida por Lond, e abraçada por muitos escriptores.

Consignemos, porque essa opinião vem em apoio dos nossos raciocinios,

embora Lond e outros dêem uma interpretação inversa a nossa; a base, ou por outra, o facto — eis o que nos serve.

As materias animaes em putrefacção, quando concen'rão as suas emanações, é que podem alterar a saude; é a opinião de que fallamos.

Se é precisa a concentração, e se as alterações são devidas a maior ou menor quantidade de principios emanados, é porque o modo de obrar delles é outro, e não pela sua natureza nociva.

Quando as emanações estão concentradas substituem o oxigeno que tem de servir a vivificação do sangue, e áquelle que as respirar nesse estado, necessariamente as suas fuucções serão alteradas ao ponto de até produzir a morte.

Morrerá como aquelle que respirar o azoto puro, e no entretanto esse gaz existe na atmosphera em grande quantidade, e ninguem ainda o chamou de miasma.

Morrerá como morre aquelle a quem em vez de oxigeno, se der um liquido qualquer para absorver, e ninguem chamará a esse liquido de miasma.

Morte por asphyxia — eis o que succederá a aquelle que respirar só emanações concentradas.

Alterações graves na economia, — eis o que succederá a todos que respirarem uma porção de emanações putridas.

Ligeiras alterações — eis o que succederá a aquelle que absorver mais pequena quantidade dessas emanações.

No primeiro caso, ausencia completa do oxigeno; no segundo diminuição da emanação e augmento de oxigeno, e no terceiro muito oxigeno e poucas emanações.

Os individuos que respirão grandes massas de materias putrefactas e que attribuem a essa causa as suas molestias, se restabelecem; se o agente é destruidor e acha-se em grande quantidade na economia, despeçando os ligamentos que prendem a materia a vida, — lá nos centros nervosos, — como é que estes individuos ficarão sãos?

Se outras circumstancias não existissem, circumstancias que são inexplicaveis, por certo que as emanações putridas, por si só, não occasionario molestias, e todas as vezes que seguem-se alterações no organismo, quando se as absorvem, é devido isto, não a acção morbifica dellas, mas sim a falta de elemento vivificador, sem o que a vida é um impossivel, emfim pela falta desse — *pabulum vitæ*.

Terminemos esta serie de provas com o que disse o sabio Parent Duchatelet, em resposta a academia de França, quando consultado a respeito da influencia das emanações putridas sobre a saude publica.

« Eis aqui, pois, diz elle, perto de dous milhões de cadaveres que não forão enterrados, que não forão esfolados com cuidado, que têm sido abandonados a putrefacção espontanea, e que tambem o conselho de salubridade não julgou necessario enterrar, e isto ha mais de quarenta annos.

E porque não forão enterrados? Perguntamos nós.— Não é evidente porque não fazião mal; e porque não fizerão mal até entao?

Não é n'uma aldeia do interior, continua elle, e nem em um paiz barbaro onde estes factos forão colhidos; elles estão nas vistas do governo, diante de todos os altos funcionarios de Paris, emfim na porta da capital do mundo civilisado, no centro das luzes e das artes; desafio que apresentem uma experiencia mais concludente, e feita em tal escala.

Por estes factos, pois, podemos pensar que as emanações putridas, provindas das materias animaes, não alterão a saude publica, quando disseminadas pelo ar, e que, concludentemente, as emanações, que têm por origem as fabricas de velas, e sabão do Rio de Janeiro, não exercem acção má, não só nos seus operarios, como sobre os visinhos, visto que o ar respiravel tem as circumstancias exigidas pela natureza para o ser.

Segunda fonte :

Na combustão das materias animaes forma-se uma porção de oleos pyrogenados, que poderia affectar o aparelho respiratorio de quem os sentisse.

Toda a substancia, que produz uma acção verdadeiramente má sobre a organização animal, logo que se acha desenvolvida, é sempre a mesma, e as molestias a que dá lugar têm sempre formas identicas.

Os envenenamentos pelo arsenico, pelo chumbo e outros corpos, dão sempre os mesmos phenomenos; e mal iria a humanidade se assim não fosse, porque então as mesmas causas sempre darião symptomas novos, e consequentemente desconhecidos, e a medicina seria uma burla, um empirismo, e deveria ser desprezada por todo homem sensato.

Quaes os effeitos dos oleos pyrogenados na economia?

Ou estes oleos têm uma acção nociva, e então todos os que estivessem em contacto com elles deverião apresentar as mesmas molestias; ou então os não sentirão; ou emfim elles são innocentes quando absorvidos.

Todos os operarios de uma fabrica estão em contacto com esses oleos, mas nelles não existe uma molestia especial, que se possa com sisudez attribuir a isso, por tanto a sua acção é innocente.

Que as pessoas empregadas em uma fabrica estão sujeitas a essa acção, é incontestavel, porque todos sentem o má cheiro della; isto corrobora o que dissemos no paragrapho ultimo.

Por derradeiro — que são innocentes, o affirma o que expendemos neste instante, e o que vamos expender.

Indagae aos moradores das casas visinhas das fabricas, e os ouvireis clarearem que as emanações destas, principalmente quando derretem e queimão substancias animaes, alterão, arruinão as suas saudes; mas perguntae-lhes de que natureza são as molestias que soffrem, e elles vos enumerarão todas, ou quasi todas as de que se compõe o quadro das enfermidades que alligem a humanidade!

Se aquelles, que estão em contacto mui proximo, e que respirão continuamente essas substancias, não têm molestias, como é que os collocados longe, ou ao menos mais longe, dos focos he que têm tantas enfermidades?

E no entretanto examine-se o aspecto desses individuos, não absolutamente, e vereis aqui individuos a quem o tempo tem voltado mais de metade das paginas de sua existencia, ali outros no raiar de sua vida, e enfim delicadas constituições, que parecem mui dispostas a abater-se ao menor sopro das molestias: e todos na mais bella saude, e isto na visinhança de fabricas onde existem emanações morbidas, pesteantes etc. etc.!

Uma commissão foi nomeada pela autoridade franceza para dar um parecer definitivo a respeito das immensas queixas dos moradores visinhos de uma fabrica, onde queimavão materias animaes, commissão formada por Andral, Parent, e d'Arcet; e eis o resultado final della, depois da analyse das circumstancias que motivavão as queixas:

Que o cheiro provindo d'ella era incommodativo; mas a commissão estava convencida de que — *n'avait par elles-memes aucune action facheuse sur la santé.*

Pelo que temos escripto, que é o que dizem muitos entendedores na materia, concluimos que: — a saude dos operarios das fabricas de que nos occupamos, não é alterada pela acção dos oleos pyrogenados, e assim como a dos visinhos desses estabelecimentos.

Terceira fonte:

As materias gordurosas, pela acção do calorico, desenvolvem, principalmente o gaz acido carbonico, e a acroleina, que poderião irritar o aparelho respiratorio de quem os sentisse.

Mas si considerar-se que nas fabricas existe grande quantidade de cal, e attender-se a affinidade que tem o acido carbonico de combinar-se com essa substancia, e si conhecer-se que esse gaz é desprendido em mui pouca quantidade — essa presumpção desapparecerá.

Uma das propriedades da acroleina é dissolver-se n'agoa quente (Peluze e Fremy), e si tiver-se diante da memoria a quantidade desse sal desenvolvido em presenca da agua, — tambem essa hypothese extinguir-se-ha.

Porém existem molestias nas fabricas, e é preciso que ellas tenham uma causa.

Ellas têm com effeito uma cauza, não inherente só a esses estabelecimentos, mas commum a toda e qualquer parte.

Para o aparelho respiratorio:

Dizem todos os pathologistas que uma causa occasionante das affecções pulmonares é a supressão de transpiração.

O trabalho das industrias que nos occupa é sobre caldeirões com ingredientes quentes, ou sobre fornalhas, ou mesmo exercendo grandes forças.

Nestes exercicios a transpiração é abundante, pouco cuidadosos os operarios, paixão dos lugares onde existe essa alta temperatura para outra baixa, e a transpiração desaparece; elles mesmos o dizem.

Além disso as principaes fabricas estão situadas nas praias—Formosa, Lazaro, e S. Christovão, e é bem visivel que — ou uma viração constante, ou uma mudança rapida no tempo, occasionará, nos moradores d'esses lugares, por que são desabrigados, effeitos identicos, quanto mais nos que estão sujeitos ao calor.

Outra causa e mais poderosa — a syphilis—esse ente destruidor que manifesta sua acção com mais energia nas classes pobres,—atacando ora abertamente, ora arrancando pedaços por pedaços orgãos que não podem ser lesados impunemente, ora occulta minando em silencio os orgãos respiratorios ou outros, essa syphilis, enfim que o Illustre Sr. Dr. Silva diz ser a causa principal da phthisica pulmonar, nesta cidade, existe em grande escala nos operarios dessas fabricas.

Hoje mesmo que escrevemos estas linhas, examinámos um doente na enfermaria do Illustre Sr. Dr. Valladão, que tocou ao nosso collega o Sr. Cassiano Augusto d'Oliveira Lima, o qual era operario d'um desses estabelecimentos, e está com tuberculos no periodo de ulceração; contou-nos que tinha sempre constipações, e que tem tido por *muitas vezes* blenorragias, cancos venereos e bubões.

Este exemplo, que o acaso nos deparou, é o espelho de quasi todos; as duas causas—supressão de transpiração, e syphilis,—ahi estão produzindo a molestia predominante nas fabricas.

Ora se ahi estão explicações que são razoaveis e que dão conta d'essas molestias, por que andarmos atraz de um phantasma que nos atravessa o espirito?

Para o aparelho digestivo:

Nos operarios, escravos, se tem observado que ao principio elles soffrem de diarrhéa, mas passados tempos não a tem mais.

Eis uma explicação que nos parece razoavel, e que se verifica.

Estes operarios têm por costume augmentarem a sua alimentação com os oleos gordurosos, como sebo etc; e é sabida a acção hyposthenisante enterica d'elles.

A experiencia os ensina, e cessando este uso, cessão as molestias ; isto que dizemos vai na fé dos informantes, quanto ao facto.

Outros empregados, que têm alimentação decente e separada, nunca tiveram essa molestia.

Poder-se-hia dizer que essas affecções seriam produzidas pela absorção de oleos gordurosos volateis; mas attendendo-se que essa absorção deve ser continua e geral, porque todos os operarios estão nos focos continuamente, e que a maior parte d'elles não tem a molestia ; concluir-se-ha ou que a absorção não se dá, ou que não tem tal effeito.

De tudo quanto temos escripto se conclue :

1.º Que as emanações provenientes das materias animaes em decomposição não são nocivas a saude publica—em quanto não concentradas ;

2.º Que os oleos pyrogenados tambem não o são ; mas apenas incommodos a quem não estiver habituado a senti-los ;

3.º Que as molestias predominantes nas fabricas são principalmente as affecções pulmonares ;

4.º Que essas alterações do estado physiologico são devidas a causas não só inherentes a esses estabelecimentos, mas tambem commum a todos os lugares.

Corollario.

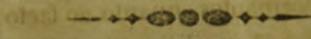
Sendo as emanações, e oleos pyrogenados incommodos a quem os sente no estado normal, e podendo por isso aggravar molestias de pessoas que viverem no circuito das fabricas, convem que estas estejam collocadas em lugares isolados, e fóra de todo o povoado.

Temos terminado.



FIM.

HIPPOCRATIS APHORISMI.



I

Morbi alii ad alia tempora bene vel male se habent, et quædam ætates ad anni tempora, loca, et victus genera.

II

Acutorum morborum non omnes tutæ sunt predictiones neque mortis, neque sanitatis.

III

Quæ medicamenta non sanant, ea ferrum sanat. Quæ ferrum non sanat, ea ignis sanat. Quæ verò ignis non sanat, ea insanabilia existimare oportet,

IV

Somnus, vigilia, utraque, modum excedentia, malum.

V

Vita brevis, ars longa, occasio celeris, experimentum periculosum, iudicium difficile.

Opportet autem non modo se ipsum exhibere, quod oportet facientem, sed etiam ægrum et præsentem, et externa.

VI

Ad extremos morbos, extrema remedia exquisitè optima.

Esta These está conforme os Estatutos

Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1852.

DR. MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO..

rações anteriores não forem coroadas de successo, ser restabelecida pela perfuração directa da membrana do tympano, e ser restituída aos enfermos a faculdade de ouvir.

XXXVII.

Buisson foi quem primeiro propoz a perfuração desta membrana, afim de dar sahida ao pus dos abcessos da caixa, e fazer cessar as dôres e desorganisação determinada pelo pus.

XXXVIII.

Em 1800 A. Cooper praticou pela primeira vez esta operação em um caso de obstrucção da trompa e o successo foi completo. Desde essa época Itard, Buchanan, Himly, Deleau, etc., imaginarão outros processos.

XXXIX.

Um pequeno trocater ligeiramente curvo era o instrumento de que se servia A. Cooper para perfurar a membrana do tympano.

XL.

M. Itard substituiu o trocater de Cooper por um estylete pouco aguçado, que serve antes para despedaçar a membrana do que para cortal-a : este instrumento pareceo-lhe mais proprio para fazer uma abertura permanente do que o de Cooper.

XLI.

Buchanan servia-se de um trocater quadrilatero : introduzindo o instrumento imprimia-lhe um movimento de rotaçõ para tornar maior a abertura.

XLII.

Himly foi o primeiro que inventou um instrumento bastante engenhoso (emporte piece) aperfeiçoado depois por M. M. Deleau e Frabrizi de Modena : é o instrumento que melhor preenche o fim que se quer obter.

XLIII.

Querendo evitar com mais segurança a obliteração secundaria da membrana do tympano, alguns cirurgiões e entre elles Richerand propuzerão destruir esta membrana cauterisando-o repetidas vezes com nitrato de prata sobre o mesmo ponto á fim de produzir uma escara, e estabelecer-se uma abertura permanente depois da queda desta.

XLIV.

Nos casos de surdez proveniente de obstrucção ou obliteração da trompa de Eustachio tem-se aconselhado a perfuração da opophyse mastoide para dar entrada ao ar na caixa do tympano.

XLV.

E' verdade que as cellulas mastoidianas communicão-se directamente com o tympano; porém não podemos obter que a perfuração produzida pelo trepano se conserve aberta, nem obstar o desenvolvimento dos botões carnosos, o espessamento da membrana que forra as cellulas, e ao trabalho gradual da cicatrização.

XLVI.

Estas difficuldades parecem insuperaveis, como já reconhecerão Hagstroem e Morgagni, e a perfuração da apophyse mastoide não pôde convir se não nos casos de abcessos ou de carie desta porção do temporal. Recorre-se então a esta operação para dar ao pus uma sahida facil, e applicar directamente na parte affectada os topicos convenientes.

XLVII.

A operação é em si muito facil; consiste em dividir as partes molles, que se achão elevadas cobrindo a colleccção purulenta. Esta incisão é sufficient^e quando a alteração do tecido osseo é superficial e pouco notavel; se houver porém uma carie profunda acompanhada de amollecimento consideravel do osso poder-se-hia por meio do trepano esfoliativo subtrahir as partes affectadas.

HIPPOCRATIS APHORISMI.



I.

Sanguine multo effuso, consulsio, aut singultus superveniens malum. (Sect. 5.^a, Aph. 33.)

II.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum. (Sect. 5.^a, Aph. 3.)

III.

Convulsio vulnere superveniens, lethalis. (Sect. 5.^a, Aph. 2.)

IV.

A plaga in caput stupor, aut delirium, malum. (Sect. 7.^a, Aph. 14.)

V.

Ubi somnus delirium sedat, bonum. (Sect. 2.^a, Aph. 2.)

VI.

Duobus doloribus simul obortis non in eodem loco, vehementior obscurat alterum. (Sect. 2.^a, Aph. 46.)

Esta Chese está conforme os Estatutos. Rio 3 de
Dezembro de 1852.

Dr. Manoel de Valladão Fimentel.